

Sementes

ou

Apresentação

“Os saberes da vida, os saberes empíricos, mesmo que reconhecidos, utilizados e até ensinados nas aulas, não são geralmente sancionados por títulos e diplomas. (...)” (LÉVY, 2000, p.106).

*“Os grandes educadores sempre souberam que aprender não é algo que você faz apenas na sala de aula ou sob a supervisão de professores.”
(GATES, 1995, p.231).*

As transformações geradas pelo fenômeno da globalização, incrementado pelos recursos tecnológicos da sociedade atual, provocam mudanças significativas no panorama econômico, social, filosófico, político e cultural. Essas mudanças também impõem uma reestruturação no processo educacional de formação do indivíduo para as novas exigências do mercado de trabalho (atuação em equipes e constante atualização do conhecimento, entre outros) e para o desempenho de atitudes democráticas de cidadania participativa.

Os modelos de educação e o de sociedade estão intrinsecamente relacionados e mantêm entre si uma relação dialética, ou seja, interferem-se. A passagem da sociedade industrial para a sociedade tecnológica traz conseqüências para o comportamento do ser humano, o que pode ser exemplificado com as palavras de Morin (2000, p. 76): *“Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos”*.

Castells (2003, p. 109) nos adverte que: *“Por causa da flexibilidade e do poder de comunicação da Internet, a interação social on-line desempenha crescente papel na organização social como um todo.”*

Na educação, de modo geral, já há também indícios que apontam para um momento de transição do modelo tradicional - centrado no professor-, para o colaborativo / comunicacional - centrado na interação entre professor /aluno /aluno / conhecimento. Esse modelo tem suas bases teóricas no construtivismo (PIAGET; VYGOTSKY – estudiosos/referência dessa corrente na psicologia) que parte do princípio de que as trocas de saberes entre os indivíduos são decisivas para o desenvolvimento intelectual do ser humano.

Em um mundo onde o rápido e contínuo desenvolvimento das redes de computadores, e em especial da Internet, abre um amplo leque de mecanismos para incentivar e facilitar o intercâmbio e a interação entre os seres humanos - até mesmo entre aqueles que se encontram geograficamente distantes e são oriundos de diferentes culturas-, faz-se necessário refletir sobre como utilizar esses mecanismos no ensino, de maneira a contribuir para o melhor desenvolvimento possível das potencialidades do ser humano.

Com o advento das tecnologias de informação e comunicação (TICs), defrontamo-nos com novas possibilidades e desafios no processo de ensino-aprendizagem. Projetos pedagógicos participativos interculturais estão cada vez mais sendo desenvolvidos. Também ambientes virtuais¹ - para implementação e oferecimento de cursos *on-line* - estão sendo cada vez mais estudados e utilizados sistematicamente e progressivamente, à medida que

¹ **Ambientes virtuais** são ‘espaços’ virtuais, onde usuários conectados à rede podem se organizar em grupos, interagir entre si e trocar informações, através de uma modalidade de comunicação mediada por computador. Exemplos de ‘espaços virtuais’: salas de bate-papo (*chats*), quadro de mensagens (*message board*), *Moos* (acrônimo para *Multi-oriented objects*, espécie de chat que possibilita a usuários conectados ao programa via Internet a interação com outros usuários ou com objetos do MOO) e sistemas gerenciadores de cursos na Web (como *Blackboard*, *Prometheus*, *WebCT*), entre outros.

através do uso da tecnologia, professores e alunos passam a se conectar via rede, não precisando se limitar ao ambiente das salas de aula tradicionais.

A utilização dos recursos tecnológicos, isto é, da rede de comunicações *on-line*, possibilita ampliar os espaços físico e temporal compreendidos pela sala de aula.

O acesso a Internet expande e enriquece o escopo educacional por permitir acessar uma vasta gama de informações (BEHRENS, 2000; MASETTO, 2000; ULINE, 1996, entre tantos outros); socializar materiais didáticos², tornando-os disponíveis na Web a um grande número de pessoas; expor nossas idéias, ideologias, opiniões, e nos comunicar com pessoas do mundo todo, ultrapassando limites geográficos e temporais, e dissipando diferenças socioculturais e econômicas. Além disso, permite acesso a profissionais de áreas correlatas e afins ou de outras áreas de estudo/conhecimento para troca de informações, compartilhamento e/ou aquisição de novos saberes.

Apesar do grande potencial de recursos educacionais apresentados pela Internet, persiste o desafio de se estabelecer uma proposta educacional que estimule práticas colaborativas/participativas em que professores e alunos aprendam juntos, ainda que fisicamente separados por questões espaço-temporais. É uma nova forma de pensar a educação para tentar torná-la mais produtiva e capaz de dar conta do ensinar e aprender em ambientes virtuais. Esses ambientes se tornariam ‘espaços’ de desenvolvimento da capacidade não só cognitiva, mas também afetiva, de relacionamento, de sociabilidade e de colaboração entre educador e educandos e destes últimos entre si.

Duas experiências *on-line* distintas nas quais tomei parte no ano de 1997 contribuíram para minhas reflexões preliminares a respeito do ensino-aprendizagem

² Exemplos desta prática de socialização de material didático de inglês podem ser vistos, consultando *sites* tais como <<http://www.vemconcursos.com/>>, <<http://iteslj.org/quizzes/vm.html>> e <<http://www.studygs.net>> onde atuo como contribuinte-voluntária.

mediados por computador. A primeira delas foi a de participação de um projeto piloto intercultural³, realizado entre um grupo de alunos brasileiros de um centro de idiomas⁴, União Cultural Brasil – Estados Unidos (UCBEU), com sede em São Paulo, Capital, e um grupo de jovens coreanos da Universidade de Postech, Coréia do Sul, tendo o inglês como língua comum.

A motivação inicial na participação desse projeto se deu pelo fato de, na época, eu ser responsável pelo *Computer Lab*⁵ da União Cultural, e ter interesse em fazer uso das TICs no ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Esta primeira experiência intercultural teve como objetivos: 1- verificar o grau de adesão a uma proposta de atividade educativa *on-line* por estudantes de um curso estruturado e presencial (como o da UCBEU);

2- a ocorrência de envolvimento e as expectativas geradas, por um projeto deste tipo, entre alunos de países que não falam a língua inglesa.

Embora os resultados tenham sido favoráveis, desde o primeiro momento de sua realização, já se esboçou uma certeza: a de que esta não é uma tarefa fácil, se a intenção é

³ A experiência teve duas fases distintas. A primeira fase se estendeu por um mês e a segunda por três meses. Da primeira, relato, sucintamente, os procedimentos seguidos para a avaliação do projeto junto aos alunos. Reproduzo através de um quadro as considerações feitas pelos estudantes e a mim enviadas por *e-mail*, e organizo esses dados em quadros que ilustram a avaliação geral feita pelos alunos a respeito do projeto, os principais problemas por eles levantados, suas expectativas e sugestões. Para detalhes, consulte <<http://www.geocities.com/vcqm/Feedback.html>>. A segunda fase gerou um artigo curto intitulado “Report on a Penpal Project, and Tips for Penpal-Project Success”, que se encontra publicado em *The Internet TESL Journal*, Vol. IV, nº 1, Jan. 1998. Disponível em <http://www.aitech.ac.jp/~iteslj/Techniques/Mello-Penpal.html>.

⁴ **Centro de idiomas** são instituições particulares de ensino de línguas, tais como UCBEU e Associação Alumni, que oferecem cursos básicos, intermediários, avançados e de aperfeiçoamento em um ou mais idioma(s) estrangeiro(s).

⁵ As atividades sob minha responsabilidade, desenvolvidas no *Computer Lab*, eram de natureza pedagógica, e estritamente ligadas à preparação de material didático em inglês, seleção de *software* e CD-ROM educacionais e elaboração de atividades concernentes à língua estrangeira.

usar uma metodologia de ensino que leve em consideração a aprendizagem colaborativa⁶. Esta exigirá do professor criar mecanismos para engajar os alunos no processo de aprendizagem colaborativa, o que implica também em adotar, enquanto professor, uma postura de envolvimento com eles. Exigirá também do professor avaliar suas condutas e aprender através da observação de sua prática docente.

A segunda experiência originou-se de um curso de treinamento de professores de inglês *on-line*, intitulado ‘*On-line Teacher Training*’, promovido pelo professor David Winet, da UC Berkeley Extension⁷, coordenador do projeto *English for Internet (EFI)*⁸, no primeiro semestre de 1997. O objetivo do curso era propiciar, em linhas gerais, reflexões e discussões entre professores sobre cursos de inglês ministrados via Web.

Ao término deste curso, o professor David Winet me convidou para fazer parte de sua equipe de professores voluntários que se dedicam ao ensino da língua inglesa via rede. A princípio, a proposta me pareceu utópica. Entretanto, o desafio que me foi lançado, somado ao meu interesse em pesquisar a utilização da rede mundial de computadores como instrumento de comunicação e troca de experiências entre educador e educandos, como meio de disponibilizar conteúdo educacional, e de testar recursos e estratégias didáticas - que pudessem ajudar os alunos a vivenciarem a sua própria aprendizagem-, serviram de estímulo

⁶ O conceito de colaboração e o significado da aprendizagem colaborativa são discutidos em NUTRIENTES (Capítulo I – Fundamentação Teórica) deste trabalho.

⁷ Quando o *EFI* foi implantado, o professor David Winet exercia o cargo de professor de inglês como segunda língua (*ESL instructor*) no Programa de Língua Inglesa da UC Berkeley Extension.

⁸ *EFI* surgiu em 1994 como um curso de inglês, ministrado pelo professor David Winet, via *e-mail*. O curso era denominado *English by Mail* e tinha como objetivo explorar os potenciais de ensino *on-line*. Não se tratava de uma pesquisa universitária. O professor David Winet acredita que o *English by Mail* tenha sido o primeiro curso de língua inglesa na Internet. Atualmente, o *EFI*, coordenado por David Winet, é constituído por um grupo de professores voluntários que ministram aulas de inglês na Internet. Os cursos são divididos por níveis: básico, intermediário, avançado, entre outros. Cada curso é ministrado por um professor voluntário. Maiores informações sobre o *EFI* podem ser obtidas no endereço <<http://www.study.com>>.

para minha adesão ao grupo *EFI* como professora voluntária do curso básico de inglês *on-line* a falantes de outras línguas.

Minha primeira experiência, ministrando um curso de inglês na modalidade *on-line*, teve início em setembro de 1997 e durou aproximadamente três meses. O curso intitulava-se *Beginner Grammar Writing 5 (BGW5)* e era destinado a falantes nativos de vários idiomas. Meu grupo era composto de 15 alunos, todos adultos, oriundos de países tais como México, Índia, Japão, Colômbia, China e Hungria.

A formação desse grupo se deu a partir de uma lista⁹, a mim enviada via *e-mail* pelo professor David Winet, com os nomes e *e-mails* de alunos de nível básico (principiantes no idioma).

O objetivo do meu curso era dar condições aos alunos de nível básico de desenvolver as habilidades de leitura e escrita, a partir de tarefas que envolviam explicações (simplificadas) e exercícios relativos às estruturas gramaticais e lexicais; atividades de expansão vocabular; leituras de artigos curtos (geralmente encontrados na Web e por mim pré-selecionados), e a elaboração de pequenos parágrafos¹⁰.

Vale ressaltar que tendo sido esta minha primeira tentativa em ministrar um curso na modalidade *on-line*, os princípios e métodos adotados não tinham embasamento teórico e a didática adotada no curso foi fruto de minha intuição, vivência e prática profissional no

⁹ Essa lista, até aproximadamente o ano de 2001, era feita a partir do resultado de um teste de múltipla escolha ao qual os alunos se submetiam para verificação do nível de proficiência na língua inglesa. Em seguida, era distribuída, via *e-mail*, pelo professor David Winet, aos professores voluntários do grupo *EFI* (no qual seus cursos estavam inseridos) de acordo com o nível (básico, intermediário, avançado, por exemplo) que o professor se prontificava a ministrar.

¹⁰ O objetivo, estabelecido para meu primeiro curso de inglês básico *on-line* em setembro de 1997, permaneceu o mesmo para os demais cursos que venho oferecendo via Web através do *EFI* desde então para alunos de nível básico.

ensino de inglês como língua estrangeira¹¹. Portanto, essa experiência configurou-se como um estudo inicial exploratório, o que afastou qualquer pretensão de análises conclusivas. Entretanto, foi esse ensaio, que me motivou a refletir e me aprofundar nos estudos sobre elaboração, implementação, desenvolvimento e oferecimento de cursos de inglês básico na modalidade *on-line*. Também, me incentivou a continuar minha busca por meios que me permitam entender quais são os mecanismos que contribuem para a formação, desenvolvimento e a manutenção de comunidades virtuais de aprendizagem colaborativa. Indagava-me se cursos *on-line* e comunidades virtuais de aprendizagem têm algo em comum.

Minha experiência até o presente momento com cursos livres de inglês *on-line* põe em evidência a dificuldade de tornar a metodologia de ensino-aprendizagem colaborativa, motivadora, atraente e significativa para os alunos. Fato este comprovado pelo número restrito de indivíduos que se “comprometem”¹² com a dinâmica do curso. Não são muitos aqueles que, de fato, se dispõem a participar das atividades propostas pelo docente, de interagir e compartilhar conhecimentos com o grupo e de participar ativamente em cursos *on-line*.

No entanto a aprendizagem colaborativa é aquela que, dentre as teorias de ensino hoje consideradas, apresenta a oportunidade de desenvolver um trabalho educativo, em que o aprendiz é considerado e atua como sujeito de seu aprendizado, ganhando assim autonomia intelectual e desenvolvendo habilidades sócio-psicológicas favorecedoras da aquisição/construção do conhecimento, que, sabemos, é um produto histórico-social. Enquanto tal, traz em si as marcas das relações sociais que o geraram.

¹¹ Minha atuação e desenvolvimento profissional se deram, ao longo dos anos, principalmente, em centros de idiomas, tais como Associação Alumni e União Cultural Brasil-Estados Unidos-, que difundem a cultura e a língua inglesa.

¹² A questão que envolve a participação efetiva dos alunos em meu curso *on-line* é apresentada em COLHEITA (Capítulo III) da pesquisa.

Portanto, estimular e conseguir a participação dos alunos e seu envolvimento em um curso na modalidade *on-line*, norteado por uma metodologia de ensino-aprendizagem colaborativo/comunicacional, põe em destaque o papel de um novo professor, que deve estar atento às peculiaridades e singularidades dessa modalidade de ensino.

Segundo Azevêdo (1999), o problema de passividade do aluno é fruto do modelo pedagógico no qual os discentes foram adaptados desde a pré-escola. Nesse modelo, de acordo com o autor, *“o aluno é visto fundamentalmente como um receptor de conteúdos, cuja tarefa é assimilar e reproduzir, mas quase nunca problematizar, analisar, refletir, isto é, discutir.”*

Para além do que considera Azevêdo, acredito ser necessário destacar as características dos tipos de interação pessoal e social entre: (a) educador e educandos (em uma metodologia de ensino-aprendizagem colaborativo/comunicacional); (b) dos educandos entre si, e (c) dos educandos com o conhecimento historicamente acumulado e universalmente valorizado.

Grande número de professores e alunos ainda não está acostumado a dialogar, imersos que se encontram nos ambientes tradicionais de aula. A interação existente entre educador e educandos ainda se dá de modo autoritário e hierárquico, ou seja, o professor ditando, em grande parte, as normas a serem seguidas. Esse tipo de modelo pedagógico, apesar de já enfrentar um generalizado descontentamento docente e discente gerou alunos acomodados e reprodutivos.

Em vista disto, verifica-se a dificuldade que os educandos apresentam em trabalhar juntos, em dialogar/interagir uns com os outros e em ‘dialogar’ com o conhecimento e informações que podem acessar em diferentes fontes, mesmo nos casos em que o educador utiliza uma metodologia de ensino-aprendizagem colaborativo/comunicacional.

Neste cenário, são perguntas provocativas desta pesquisa¹³:

- Como sensibilizar os alunos para o valor das trocas de experiências e conhecimentos para a aprendizagem, em culturas em que o valor da competição é estimulado em alta frequência?
- Como incitar os estudantes para uma relação pessoal mais autêntica e autônoma com o conhecimento?
- Como desenvolver atitudes individuais e coletivas necessárias para otimizar o aprendizado mais participativo, colaborativo e dinâmico em ambientes virtuais?
- Como criar uma “cultura” de interação colaborativa entre professor e aluno e destes últimos entre si?
- É possível que um curso *on-line*, no qual se consiga fomentar interações, criar e firmar vínculos afetivos e sociais entre indivíduos (que talvez nunca venham a se conhecer/encontrar presencialmente) possa ser um ‘degrau’ importante para que uma comunidade virtual de aprendizagem¹⁴ se desenvolva?

Estes questionamentos levam a refletir sobre o desafio que se lança ao professor para engajar a si e a seus alunos em um processo real de ensino-aprendizagem colaborativo, e sobre um curso *on-line* com aspirações de vir a ser uma comunidade virtual produtiva de aprendizagem, onde haja o compartilhamento do conhecimento e relações sócio-pedagógicas organizadas horizontalmente.

¹³ As quatro primeiras questões estão vinculadas à abordagem metodológica e atividades escolhidas e aplicadas no curso experimental de inglês *on-line* por mim ministrado. A última questão diz respeito à possibilidade de formação de uma comunidade virtual de aprendizagem. Estas perguntas são retomadas em CULTIVO (Capítulo II) e discutidas em COLHEITA (Capítulo III).

¹⁴ A discussão a respeito de **comunidade virtual de aprendizagem** é apresentada em NUTRIENTES (Capítulo I) desta pesquisa.

Na tentativa de me aproximar de algumas respostas para minhas dúvidas, inquietações e desejos, o presente trabalho tem como objetivo geral verificar se um curso livre de inglês básico *on-line* pode vir a se configurar como uma comunidade de aprendizagem.

E tem como finalidade específica a elaboração, montagem e execução de uma proposta pedagógica experimental de curso livre de inglês *on-line* que tem por meta promover o aprendizado básico de língua inglesa, com enfoque no desenvolvimento das habilidades de escrita e leitura, através do ensino-aprendizagem colaborativo. Para tanto, serão trabalhados valores pessoais e sociais - tais como exercício da autonomia, da sociabilidade, da integração social e de respeito mútuo – a fim de se estabelecer um maior grau de envolvimento entre os participantes e com o conhecimento da língua inglesa.

Deve-se ressaltar que a questão fundamental de cursos *on-line* não está na tecnologia em si, pois esta se apresenta em constante atualização e modificação. Problemas técnicos cujas soluções ainda não estão disponíveis, ou são precárias, podem estar solucionados ou incrementados em um curto espaço de tempo - até mais curto do que o tempo disponibilizado para a construção de uma tese como esta.

Esse mesmo pensamento, de que a tecnologia não ocupa papel principal na implementação e desenvolvimento de um curso *on-line*, é revelado por Heide e Stilborne (2000, p. 23) quando afirmam que “*o valor da tecnologia na educação é derivado inteiramente de sua aplicação*”. De forma complementar, Lévy (1999) esclarece que a tecnologia, per se, não é nem boa, nem má. Tudo depende do uso que dela se faz.

Kozma (1991), por outro lado, afirma que o meio, em conjunto com o método utilizado, influenciam na forma pela qual o aprendiz representa e processa as informações.

A partir dos posicionamentos desses autores sobre a tecnologia, ressalta que o fundamental é fazer uma reflexão crítica sobre a escolha da mídia digital a ser utilizada (suas limitações e potencialidades) e que esta seja vinculada à elaboração do planejamento do curso.

A escolha de uma plataforma de gerenciamento de cursos *on-line*¹⁵ e das ferramentas por ela oferecida deve ser feita, tendo em vista as propostas pedagógicas do curso a ser realizado *on-line*, do perfil, das necessidades e expectativas dos alunos. Sendo assim, o que é relevante de fato para o educador é valorizar a tecnologia como um canal de comunicação e não como um fim. O que importa são as formas de utilização das ferramentas e da tecnologia e o modo como se relacionam/interagem, entre si e com o conhecimento, que está sendo trabalhado à distância, aqueles que dela fazem uso.

O problema, em si, é complexo tanto em situações de ensino *on-line* quanto presencial, pois incide sobre o comportamento humano, a relação entre pessoas que agem movidas por sentimentos, desejos, convicções e interesses. Essa complexidade aumenta se envolve indivíduos de diferentes culturas, com idéias, conceitos e formações diversificadas.

Em situações de ensino não presencial verifica-se também como elemento complicador o fato de as relações entre pessoas serem “descorporificadas”, ou seja, destituídas de seus corpos - canal de expressão complementar nas relações sociais presenciais -, cujo papel, significado e extensão não se encontram suficientemente delineados e, cujo esclarecimento maior, talvez venha mesmo a resultar do enfoque de relações estabelecidas *on-line*.

¹⁵ **Plataforma de gerenciamento de cursos on-line** é um software que integra, em um único sistema, ferramentas disponibilizadas na Web (fórum, *chat*, *e-mail*, por exemplo). Outras características da plataforma são: a disponibilização de diversas estatísticas sobre o curso e sobre os alunos (número de acessos e áreas do programa mais utilizadas pelos usuários, por exemplo), ferramentas administrativas (planejamento), ferramentas de trocas e armazenamento de arquivos, de comunicação e de criação de testes de avaliação, facilitando assim a organização e gerenciamento de um curso.

É importante, então, que o educador reflita sobre os aspectos relativos à interação humana em situações gerais e os aspectos relativos à interação educativa, em situações de ensino. Neste último caso, é preciso que ele esteja atento à experiência docente no seu próprio decorrer e à observação do que nelas ocorrem.

Busca-se através desta pesquisa colaborar com a criação de uma ‘cultura’ não autoritária ou impositiva, mas uma ‘cultura’ participativa, colaborativa, de confiabilidade e de comprometimento entre os membros do grupo - alunos e professores *on-line*. E para que isso possa ocorrer, cabe a recomendação de Moran (2000, p. 16):

[...] somente podemos educar para a autonomia, para a liberdade com processos fundamentalmente participativos, interativos, libertadores, que respeitem as diferenças, que incentivem, que apoiem, orientados por pessoas e organizações livres.

Em outro texto, do mesmo autor, encontrado na Internet¹⁶, destaca-se a relevância para o professor de ser livre¹⁷, aberto a mudanças na educação e na sociedade. Afirma Moran que:

[...] só pessoas livres – ou em processo de libertação – podem educar para a liberdade, podem educar livremente. Só pessoas livres merecem o diploma de educadoras. Necessitamos de muitas pessoas livres na educação que modifiquem as estruturas arcaicas, autoritárias do ensino. Só pessoas autônomas, livres podem transformar a sociedade.

Nessa perspectiva, a primeira condição para um processo de mudança - de busca por novas formas de ensinar e aprender, com ou sem tecnologias avançadas -, requer um professor que almeje a liberdade, alguém que não tema romper as regras pré-estabelecidas e ultrapassadas, e as pressões burocráticas e institucionais, que cerceiam a manifestação da

¹⁶ MORAN, J. M. Educar o educador, [199-].

Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/educar.htm>>. Acesso em: 28/04/2002.

¹⁷ Esse mesmo aspecto é destacado pelo médico psiquiatra e consultor organizacional Roberto Shinyashiki: “Quando se é livre e espontâneo, o universo passa a ser um grande jardim onde podem desabrochar suas flores, lágrimas, talentos e idéias. Viver com autonomia é produzir a seiva da própria vida.” SHINYASHIKI, R. **Sem Medo de Vencer**. São Paulo: Editora Gente, 1993, p.90.

autonomia e da liberdade docente. Esse será o educador que poderá melhor contribuir para a formação de indivíduos autônomos, verdadeiros cidadãos - criativos e críticos -, quesitos sem os quais a vida e a participação no mundo contemporâneo ficam prejudicadas.

E no caso específico do uso de tecnologias digitais no ensino, Moran (2000, p. 63) adverte que:

Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial.

Para que reais mudanças possam ocorrer, pois, são necessárias: a reestruturação na prática de ensino e reformas nos sistemas educacionais vigentes, principalmente das instituições que oferecem cursos de formação de professores, bem como considerar a possibilidade do ensino não institucionalizado, aberto pelo ciberespaço¹⁸ (LÉVY, 1999).

No que diz respeito ao futuro dos sistemas de educação e de formação no ciberespaço, Lévy (1999) aponta para o fato deste estar vinculado à “*uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber*”. O autor também destaca a importância “*de orientar os percursos individuais no saber*” e o reconhecimento das experiências adquiridas pelos indivíduos ao longo da vida. E ainda chama atenção para o fato de que “*uma vez que os indivíduos aprendem cada vez mais fora do sistema acadêmico, cabe aos sistemas de educação implementar procedimentos de reconhecimento dos saberes e **savoir-faire** [grifo do autor] adquiridos na vida social e profissional.*” (p. 175).

As considerações de Lévy espelham a demanda que se verifica hoje por cursos menos rígidos e uniformes, uma vez que aqueles já não correspondem às atuais exigências

¹⁸ O termo **Ciberespaço**, originário do romance de ficção científica **Neuromancer** (1984) de William Gibson, é o nome dado para o espaço não físico ou territorial, composto de redes de computadores interligados, onde palavras, relacionamentos humanos, dados, riqueza e poder são manifestados das mais diversas formas. Lévy (1999, p. 92) define *ciberespaço* como “*espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.*”

e especificidades do mercado de trabalho da contemporaneidade, ou da vida dos cidadãos. Ao mesmo tempo em que põe em destaque a questão da liberdade e da pessoa do educador.

Em se tratando de ensino na modalidade *on-line*, é fundamental uma reflexão sobre a atuação de professores e alunos capazes de trabalhar e estudar *on-line*. Essa reflexão possibilita o desenvolvimento de cursos de qualidade nesta modalidade que possam preencher as expectativas e necessidades de uma nova proposta educacional.

Como pondera Morin (2000, p. 61):

[...] uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição humana comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da Terra.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam vir a ser relevantes para colaborar com futuros estudos e trabalhos pedagógicos inovadores e significativos para o ensino na modalidade *on-line* e sobre comunidades virtuais de aprendizagem colaborativa.

Para dar conta do trabalho, que aqui me proponho, optei por organizar capítulos nomeados por temas metafóricos relacionados ao plantio, que ilustram as fases desta pesquisa. Assim, em SEMENTES com uma breve indicação de experiências que geraram esta pesquisa, procedo a **apresentação da tese**.

Em NUTRIENTES (Capítulo I) organizo a **fundamentação teórica** em que me apóio. Este capítulo subdivide-se em três itens fundamentais com seus sub-itens correspondentes: *Cursos na modalidade on-line e Comunidades virtuais de aprendizagem, Aprendizagem Colaborativa, e Ferramentas digitais: usos pedagógicos*.

Em CULTIVO (Capítulo II) trato da **metodologia da pesquisa**. O capítulo apresenta a opção metodológica em face das metas pretendidas, descreve o contexto de pesquisa, e indica como os dados foram coletados e analisados.

Em COLHEITA (Capítulo III) tem-se o **acompanhamento da proposta experimental *on-line***. Este capítulo contém dois itens: *A Experiência Vivida* e *A Experiência Interpretada*. No primeiro item, discorro sobre o curso em seu primeiro momento de efetivação. No segundo item, é feita a análise dos dados coletados.

Em FRUTOS (Capítulo IV) são apresentadas as **contribuições para uma didática colaborativa no ensino *on-line* e, especificamente, no ensino *on-line* de inglês como língua estrangeira, e sugestões de investigações decorrentes deste estudo**.

Seguem-se as **Referências Bibliográficas e Webgráficas, Bibliografia e Webgrafia** que serviram de base para o estudo.

Finalmente, os **Apêndices** que deram suporte à realização dos estudos preliminares e constituem o ponto de partida desta pesquisa.